enorme riqueza dos seus dons e a multiforme complexidade do seu modo próprio de ser. Com alguma inevitável generalização, mas também com a preocupação de realçar a inconfundível e irrepetível singularidade de cada mulher individual. Na preocupação da autora está aproximar a sua análise da mulher de hoje, de todas as idades, do seu «eu», do seu mundo e suas circunstâncias: mulher-mulher, mas também «esta mulher» (mãe, irmã, esposa, noiva, amiga, companheira ou simplesmente conhecida...).

O título é, ao que parece, inspirado no do conhecido livro de Alexis Carrell, *L'homme, cet inconnu*. A autora considera que, embora na essência as mulheres sejam sempre e em toda a parte idênticas, todavia o seu retrato foi enormemente alterado com a revolução das mentalidades e dos hábitos femininos no século XX. Daí que, para uma observadora do século precedente, ou inícios do mesmo século XX, a mulher apareça como «desconhecida», ou pelo menos não suficientemente conhecida, conhecida apenas em função do outro-varão.

Por sua vez, o curioso e sugestivo subtítulo, com referência à geometria, obedece à intenção da autora, de oferecer uma descrição do ser-mulher em jeito de caleidoscópio com múltiplas e variadas abordagens.

Cada um dos diversos capítulos leva por título uma metáfora tirada do mundo da geometria. Assim, começa pelo «lugar que ocupamos no espaço». Segue-se «A base e a altura», capítulo onde versa sobre a consciência, projecto pessoal, a educação, a responsabilidade e a culpa, a maternidade essencial, os vínculos e os valores. No cap. 3 – «Os pontos de apoio» – vêm à colação a identidade, o sentido e a felicidade, o que recebemos dos pais, o amor, os filhos, a amizade, a solidariedade. «A projecção espacial» dá cobertura a coisas como a

visibilidade, o trabalho, a conciliação, a paridade, a linguagem e os estereótipos. «As bordas» é o título que serve para tratar do aspecto físico, da moda e do consumo. Em «As arestas» vêm ao discurso a sobrecarga e a depressão, o desamor e os maltratos. «As secantes» são a menopausa, a partir da qual emerge «uma senhora maior». «As tangentes» são as mulheres que mal se encontraram com outras mulheres, e que todavia são mulheres. Sob o epíteto «As perspectivas» a autora trata da igualdade na diferença, aborda a condição das mulheres e homens no século XXI e da perspectiva do futuro.

Cármen Guaia é licenciada em Filosofia e mestra especializada em Ciências Sociais e em Pedagogia Terapêutica. Tem publicado diversos outros livros e colaborado em vários órgãos institucionais de Espanha no plano educativo. Proferiu conferências e participou em múltiplos congressos e cursos, inclusive em Portugal. Escreveu este livro na base da experiência e do saber pessoais, mas também contando com numerosas entrevistas a homens e sobretudo a mulheres, de que faz a apresentação no final do livro, sob a epígrafe «Companheiros de viagem». Em alegoria extraída do campo musical, confessa ter, deste modo, composto uma espécie de sinfonia, com diversos timbres e sons mas com uma só melodia, a da mulher com suas múltiplas perspectivas.

LUÍS SALGADO

SÉGUY-DUCLLOT, Alain, **Culture et civilisation**, coll. «Passages», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 244 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09011-7.

O presente estudo sobre o que devemos entender verdadeiramente por cultura

e que relação tem ela com civilização é inspirado, à partida, por um facto da ordem prática da vida em sociedade: as guerras que se desenham no dealbar do século XXI, após a unificação da Europa e o fim da guerra fria, parecem ter origem em conflitos de ordem cultural. Urge, por isso, pensa o autor, trazer um pouco de clareza ao próprio conceito de cultura e à sua relação com o de civilização.

Tradicionalmente, faz-se a ligação de cultura ao mundo humano, subentendendo que não há uma cultura animal e que é pela cultura que o ser humano se distancia e se distingue dos infra-humanos. Séguy-Duclot pensa que esta distinção, que liga a cultura ao ser humano e a não cultura ao animal carece de ser revista. Com efeito, o conceito de civilização desenvolvido pela filosofia das Luzes, como progresso das mesmas Luzes, introduziu no conceito de cultura alguma confusão, sendo, por outro lado, sabido que quer a filosofia quer a antropologia não têm cessado de contestar o modelo iluminista e o correspondente conceito de civilização. Esta revisão de conceitos, na base de um novo questionamento sobre a distinção entre o humano e o animal, conduz o autor a um pôr em causa o conceito de humano como o que é da ordem do *logos*, seja como racionalidade seja como linguagem em sentido amplo.

O seu estudo desenvolve-se, com uma análise muito minuciosa, ao longo de dezasseis capítulos, distribuídos por quatro partes. Numa primeira parte – «A história da questão» – procede ao exame crítico do ideal das Luzes, com a sua grandeza mas também com a sua obscuridade e os seus problemas (dificuldades do modelo racionalista, cruzadas da razão, colonização europeia, emergência do conflito das culturas contra a civilização...); traz ao caso o pluralismo e relativismo cultural e a necessidade de uma redefinição de cultura.

O capítulo II contém uma reflexão de grande importância sobre o «círculo lógico» que pode estabelecer-se entre a cultura e a civilização. A afirmação do relativismo cultural pode levar à dissolução da ideia de humanidade; o primado da ideia de civilização conduz à hierarquização dos mais e dos menos evoluídos, com o risco do etnocentrismo inaceitável.

Torna-se então necessário proceder a uma redefinição dos termos em conflito, renunciando à sua petrificação no pensamento proveniente das Luzes. É o que Séguy-Duclot faz na segunda parte, intitulada «Dois conceitos de cultura». Em cinco capítulos examina sucessiva e minuciosamente a relação entre cultura e animalidade, a subjectividade animal, cultura animal e identidade, dualidade dos conceitos de cultura, cultura e evolução. Na sua análise chega a uma primeira definição de cultura em sentido largo, como «o conjunto dos caracteres comportamentais (ou comportamentos) adquiridos independentemente de toda a determinação genética ou ambiental, que são objecto ao mesmo tempo de uma transmissão horizontal no conjunto de um grupo (social ou pluri-social) e de uma transmissão hereditária vertical por aprendizagem» (p. 53). Esta definição, que, em termos mais técnicos colhidos da teoria evolucionista, é aperfeiçoada na p. 85, acaba por conduzir à dualidade dos conceitos de cultura: cultura animal e cultura humana. Com isso deixa de vigorar a oposição natureza / cultura, para dar lugar a: natureza / cultura animal / cultura humana (p. 93).

Vem então a propósito repensar a especificidade do humano. É o que faz Séguy-Duclot na terceira parte: «O humano e o simbólico». Nela versa sobre a especificidade da cultura humana, sobre a redefinição do humano e sobre o mundo simbólico. O ser humano é redefinido como «animal simbólico». Redefinido no sentido de que

esta expressão, sendo assumida, adquire um significado diferente do que lhe era tradicional. Mais rigorosamente, o homem é agora definido como «animal dotado de pensamento simbólico», sendo que, no caso, «símbolo» é usado no sentido de «signo» (cf. p. 141).

A quarta parte é justamente dedicada ao binómio «Cultura e símbolo». Em capítulos sucessivos trata de: cultura humana, cultura e racionalidade, sentido individual da cultura, sentido pessoal da cultura e pluralidade dos conceitos de cultura.

Nas suas conclusões, entre outras coisas, o autor assume que a sua análise permite superar a antinomia da universalidade da civilização (com a riqueza das suas consequências, p. ex. no que diz respeito aos direitos humanos) contra o relativismo cultural. Na condição de se assumir a universalidade da civilização num sentido não racionalista, sem que o seja anti-racionalista. Bem vistas as coisas, afirma ele, «é a própria universalidade do conceito de civilização que nos conduz a pensar a relatividade irredutível das culturas particulares» (p. 225).

Alain Séguy-Duclot ensina filosofia na Universidade de Tours e publicou, nomeadamente, *Définir l'art* (1998) e *Penser la vie* (2004).

JORGE COUTINHO

ESPIRITUALIDADE

GARCÍA ÁLVAREZ, Jaime, **La amistad de Dios. Santo Tomás de Villanueva maestro de espiritualidad agustiniana**, col. «Espiritualidad agustiniana» 3, Editorial Agustiniiana (www.agustiniana.es), Guadarrama (Madrid) 2010, 158 p., 210 x 125, ISBN 978-84-95745-99-6.

Santo Agostinho foi – é sabido – um dos grandes inspiradores teologia da vida espiritual. O seu caminho da interioridade como caminho de «conversão» – que era, para ele, o caminho da humana aproximação da verdade, da beleza e do bem, no fundo da aproximação de Deus – não serviu nele apenas como a via possível para o pensamento teológico e filosófico, mas também e, de algum modo, inseparavelmente, como a via da aproximação espiritual, tudo se reduzindo, afinal, como haveria de exprimir-se S. Boaventura, a um itinerário da alma para Deus. É um caminho que implica dois movimentos sucessivo e complementares: «volta-te para ti» (recolhimento), «transcende-te a ti mesmo» (transcensão).

Na senda de Agostinho, São Tomás de Villanueva tornou-se, no século XVI, um dos grandes mestres deste caminho espiritual. No seu ensino, e neste livro, aparecem, pelas mãos do comentador que é Jaime García Álvarez, não só este sentido fundamental da vida no Espírito, mas também os principais adjuvantes, cada um com o seu papel próprio: Jesus que, com o mistério da Encarnação, se tornou para nós o caminho da acesso ao Pai; O Espírito Santo, com os seus sete dons; Maria, a meditativa e contemplativa que nos serve de modelo. Por sua vez, a oração, a Eucaristia e as bem-aventuranças modelam a nossa amizade fraterna à imagem da amizade de Deus, que deste modo aparece como uma amizade aberta, a remeter-nos para os nossos irmãos a quem Deus também quer como amigos. E assim se vai modelando a Igreja como verdadeira comunidade de amor ou de amigos.

Tais são, em sucessivas meditações, as grandes linhas traçadas pelo autor deste livro. Um livro que se recomenda como instrumento precioso para a meditação ou